

Para matar a saudade

Em **MARCELINO RAMOS** os amigos são fiéis e criaram a Festa do Reencontro

Um jogo de futebol no campinho do Sétimo Céu, café colonial na Comunidade Evangélica, footing na Rua Rui Barbosa, missa no Seminário Nossa Senhora da Salette, aula pública de pintura com Richard Schulz e ginástica cultural. O programa, retirado da rotina dos habitantes de Marcelino Ramos nas décadas de 40 e 50, faz parte da Festa do Reencontro, evento criado para matar a saudade.

A cada dois anos, centenas de ex-moradores do município retornam para reviver as emoções, rever amigos e lugares que fizeram parte da infância e deixaram saudade. Este ano a festa aconteceu nos dias 17 e 18 de agosto e serviu para consolidar o Reencontro que já está na ter-

ceira edição. Abraços, lágrimas e muitos sorrisos. Assim foi o tempo todo, enquanto amigos e até parentes que só se encontram nestas ocasiões, chegavam na cidade.

Dona de uma paisagem bucólica, Marcelino Ramos lembra as cidades européias. Em formato de ferradura, cercada pelo Rio Uruguai hoje transformado em lago devido à construção de uma Usina Hidrelétrica, a cidade preserva prédios históricos e uma natureza exuberante. Um balneário de águas termais serve para o lazer e tratamentos de saúde e os hotéis abrigam, nos prédios modernos, a velha hospitalidade. O Seminário Nossa Senhora da Salette induz à reflexão e ao recolhimento. A ponte férrea, que liga o município ao Estado de Santa Catarina, hoje assoalhada, permite a passagem de carros. Já não está lá o trem que fazia da cidade uma das mais movimentadas da região, mas para muitos moradores que participam da festa, basta fechar os olhos para reviver estas emoções.

“A REDE FERROVIÁRIA ERA A ALMA DA CIDADE”

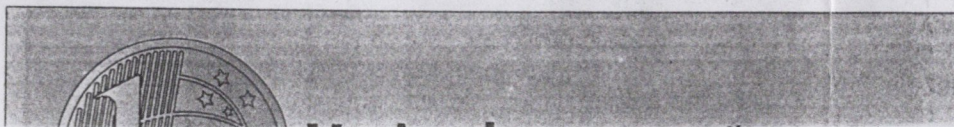
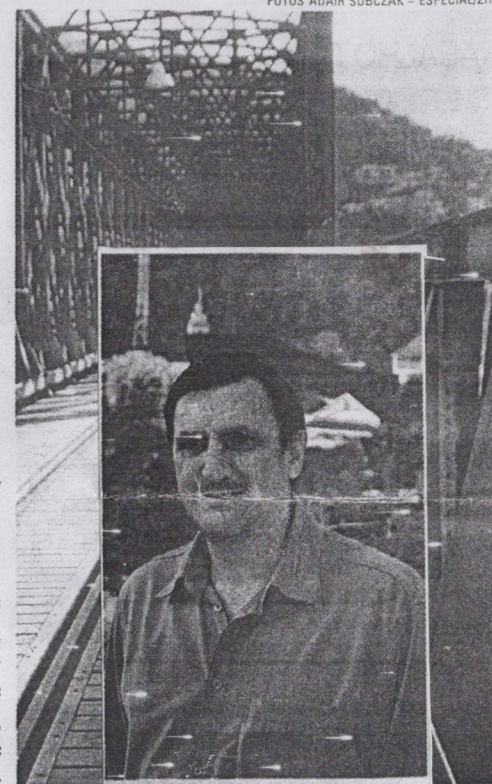
“Minha mãe nasceu em Marcelino e ainda mora lá, assim, tenho mais do que motivos para voltar e rever a cidade e os amigos. O que mais marcou minha vida foi a rede ferroviária. Lembro dos trens, do movimento dos vagões de passageiros e de carga, os hotéis cheios. A rede era a alma da cidade. Tenho saudade das escolas, do Sinodal, onde eu estudei e que formou tantas pessoas maravilhosas que hoje estão espalhadas pelo Brasil. Não esqueço o Seminário Nossa Senhora da Salette, que era praticamente auto-suficiente com suas fábricas de cerâmicas, de calçados, plantações de trigo, criações de gado, coelhos, gráfica própria. Numa só ocasião em que a chocadeira elétrica estragou, foram destruídos 45 mil ovos, imagine. Nos áureos tempos do

cinema, íamos às matins nos domingos. Foi lá que assisti filmes imortais como *Ben-Hur* e *Zorba, o Grego*. E o futebol, então! Tínhamos o time da Rede Ferroviária, O Ferrinho e seu ferrenho adversário, o Greminho, que se digladiavam seguidamente no campo do Grêmio, no Sétimo Céu, a parte alta da cidade. O Ferrinho também tinha um campo, que segundo comentários, foi o primeiro iluminado do interior do Estado. Lembramos coisas tristes, também, como a enchente de 1965, quando a ponte de Vacaria e a balsa foram levadas pelas águas e para fazer a travessia sobre o rio os caminhões tentavam

passar pela ponte sobre os vagões do trem. Tenho muita saudade, foi lá que conheci e me casei com minha esposa Clemência. Não me desfiz dos imóveis que tenho lá e um dia pretendo voltar”.

Armindo Verner Kirst, 52 anos, aposentado

FOTOS ADAIR SOBCZAK - ESPECIAL/ZH





"NÃO PERCO UMA FESTA DO REENCONTRO"

"Morei até os 17 anos em Marcelino Ramos e depois fui estudar em Curitiba. Depois de um tempo voltei a morar na cidade, onde conheci Kurt Fiedler, de Blumenau e que ia para lá às vezes. Começamos a nos corresponder, namoramos e acabamos casando depois de um ano e meio. Fomos morar em Curitiba, mas sempre que podíamos, voltávamos para rever a cidade. Meu pai, Pedro Schneider, tinha um cartório e eu trabalhei muito tempo ali fazendo cópias. Lembro de tantas coisas boas, minhas amigas, os lugares. Hoje não perco uma Festa do Reencontro, ocasião excelente para matar a saudade".

Edith Schneider Fiedler, 78 anos, aposentada



"TINHA PAIXÃO PELO RIO URUGUAI"

"Nasci em Marcelino Ramos, onde morei até 1965. Dali, mudei para Curitiba, onde cursei Letras, Educação Física e alguns anos de Direito. Lecionei de 1970 a 1976 e então montei uma transportadora e permaneço neste ramo até hoje. Eu e meus irmãos voltamos para Marcelino quase todos os anos para rever os amigos e as coisas que deixamos aqui. Não esqueço o Uruguai, aquele rio era minha paixão. Ali fazíamos pescarias, atravessávamos o rio a nado. Esperávamos meu pai

vir de ônibus de Concórdia, em Santa Catarina, e então subíamos no ônibus sobre a balsa e dali pulávamos para o rio. Tenho saudade dos amigos com quem brincava de "saban-te", uma espécie de pega-ladrão, no saguão do hotel internacional, hoje desativado. São lembranças que me fazem, mesmo de longe, participar da comunidade, escrevendo artigos para o jornal local, mantendo contato com a população".

Adilson Hilário Dallagnol, 57 anos, empresário

Informe Publicitário

SEGURANÇA

Artigo de primeira necessidade

Ao longo dos anos vem ficando cada vez mais evidente a busca do ser humano por algo que deixou de ser apenas uma garantia das autoridades alçadas ao poder através da escolha dos cidadãos, mas uma necessidade tão básica quanto o ar que se respira: A Segurança.

Apontada em recentes pesquisas de opinião em grandes centros do país como uma das principais preocupações que afligem a vida dos brasileiros, a segurança tem levado o homem moderno a investir do próprio bolso em recursos que irão garantir a proteção do seu lar, família e

pode ser definida em cifras, e é uma característica deste novo século onde as prisões estão deixando de proporcionar ao cidadão a sensação de que servem ao fim para o qual são erguidas, ou seja, manter sob sua guarda aquelas pessoas considerados uma ameaça à sociedade, ao patrimônio público e privado.

Apesar de não dispor de índices referentes a furtos de veículos e arrombamentos em Passo Fundo, dados que ficam em poder da Polícia Civil em Porto Alegre, a delegada Daniela de Oliveira, à frente da 3ª Delegacia de Polícia Civil de Passo Fundo, concorda que o crescimento da

para com seus bens ou vida

"Conforme a delegada, há dois anos atuando na 3ª DP, esta não pode deixar de ser uma preocupação à medida em que o próprio criminoso também buscará vencer os novos limites



Veículos com sistema de Bloqueadores:

Pode ser acionado de fora ou de dentro do carro (em caso de sequestro). São desativados pressionando-se, com chave virada na ignição, botão instalado em local secreto do veículo. Há empresa